

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega	34.º Anno — XXXIV Volume — N.º 1184	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	5950	120	20 de Novembro de 1911	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		

O Novo Ministerio



DR. AUGUSTO DE VASCONCELOS, *Presidente do conselho e ministro dos estrangeiros*—CAPITÃO-TENENTE FREITAS RIBEIRO, *Ministro das Colonias*—DR. ESTEVÃO DE VASCONCELOS, *Ministro do fomento*—DR. CELESTINO DE ALMEIDA, *Ministro da marinha*—TENENTE-CORONEL SILVEIRA, *Ministro da Guerra*—DR. SIDONIO PAES, *Ministro das finanças*—DR. ANTONIO MACIEIRA, *Ministro da justiça*—DR. SILVESTRE FALCÃO, *Ministro do interior*.

(Veja Chronica Occidental)

CHRONICA OCCIDENTAL

Parlamento aberto e governo novo é como quem diz camaroeiro içado, o que não será para admirar nesta quadra que vae passando, em que falta a monção dos ventos aliseos favoraveis aos mariantes.

Muito se tem clamado pela acalmação, pela união, pela concentração, pelo civismo, por tudo enfim que restabeleça a ordem, que inspire confiança, dê paz indispensavel á vida da nação, á sua força e desenvolvimento. Não se ouve mesmo dizer outra cousa por milhares de bôças dos que querem trabalhar e realmente trabalham para a riqueza do paiz; mas os factos, infelizmente, demonstram o contrario, sem que ninguém queira assumir a responsabilidade da desordem que vae entre os politicos, nem elles proprios, empurrando-a uns para os outros, como creanças irresponsaveis e travêssas.

Nesta contradansa politica cahiu o primeiro

governo constitucional ao fim de pouco mais de dois mezes, sem se saber ao certo porque o sr. João Chagas apresentou a demissão do ministerio ao sr. presidente da Republica, e sem precisar bem os motivos. Não falta quem prognostique o mesmo ao segundo ministerio constitucional que o sr. dr. Augusto de Vasconcellos conseguiu organizar.

A Chronica vae simplesmente registando os acontecimentos, abstendo-se de comentarios de ordem politica, em que não pretende envolver-se.

O novo governo formou se com homens das diversas facções politicas, pois, como se sabe, já as ha dentro dos republicanos, como as havia no regimen deposto, e ao governo assim formado chama-se governo de concentração, exactamente como se chamavam nos ultimos annos da monarchia.

O *Diario do Governo* do dia 13 do corrente publicou o decreto seguinte:

«Usando da faculdade que me confere o n.º 1.º do artigo 47.º da Constituição da Republica Por-

tuguêsa: hei por bem nomear os cidadãos Silvestre Falcão, Antonio Caetano Macieira Junior, Sidonio Bernardino Cardoso da Silva Paes, Alberto Carlos da Silveira, Celestino Germano Paes de Almeida, José Estevão de Vasconcellos e José de Freitas Ribeiro para, respectivamente, exercerem os cargos de ministros do interior, justiça, finanças, guerra, marinha, fomento e colonias.

O Presidente do conselho de ministros e ministro dos negocios estrangeiros assim o tenha entendido e faça executar.

Paço da Republica Portugueza, em 12 de novembro pe 1911.—*Manuel de Arriaga — Augusto de Vasconcellos.*»

Dos ministros agora nomeados, quatro faziam parte do governo transacto, principiando pelo sr. dr. Augusto de Vasconcellos que continua no ministerio dos estrangeiros, assumindo a presidencia do conselho; o sr. dr. Sidonio Paes, que era do fomento e passou para a pasta das finanças; o sr. dr. Celestino d'Almeida que tinha a pasta das colonias e agora transitou para a da

marinha; e o sr. tenente-coronel Alberto da Silveira, que continua na pasta da guerra.

Estes quatro ministros pertencem á facção do bloco, como era todo o ministerio transacto.

Dos quatro restantes ministros, dois são pronunciadamente da facção democratica, os srs. dr. Antonio Macieira e dr. Estevão de Vasconcellos; e dois, os srs. Silvestre Falcão e Freitas Ribeiro, sem facção pronunciada.

Com respeito ás notas biograficas dos novos ministros, que o são pela primeira vez, acham-se publicadas no livro *As Constituições de 1911 e os seus deputados*, onde se lê:

«ANTONIO CAETANO MACIEIRA JUNIOR, advogado, 36 annos de idade. Nasceu em Lisboa, a 5 de janeiro de 1875. Filho de Antonio Caetano Macieira e de D. Gertrudes da Conceição Celestino Bicker Correia Macieira. Tendo concluido os estudos preparatorios em Lisboa, matriculou-se na Universidade de Coimbra, concluindo a formatura em direito a 10 de junho de 1899.

Fez parte da geração coimbrã que se notabilizou pela celebração do centenário da *Sebenta*, pelas apoteoses a João de Deus, Anthero do Quental e Sousa Martins. Tendo aberto banca de advogado em Lisboa logo após a sua formatura, tem muitos trabalhos da especialidade que correm impressos e colaborado em revistas de jurisprudencia. Trabalhou activamente pela causa democratica.

Como advogado, defendeu sempre os correligionarios que a elle recorreram. A defeza do alferes Teixeira e de alguns sargentos implicados no 28 de janeiro, processo que por duas vezes subiu ao Supremo Tribunal de Justiça Militar, sendo afinal absolvidos os acusados; a defeza de Machado dos Santos no tribunal de justiça da armada, num processo de abuso de liberdade de imprensa e ainda a defeza de jornalistas republicanos no periodo da dictadura franquista, além de outros processos politicos importantes e de conferencias em que este deputado sustentou activa campanha contra as violações de liberdade evidenciaram o seu nome. O dr. Antonio Macieira tem varios trabalhos como conferente, orador forense e da tribuna popular e jornalista, tendo ultimamente sido director do jornal *O Tempo*»

E' o ministro da justiça.

«DR. JOSÉ ESTEVÃO DE VASCONCELLOS. Medico, 42 annos de idade. Nasceu a 13 de novembro de 1869, em Olhão.

Iniciou a sua vida publica em janeiro de 1890 escrevendo na *Patria*, órgão da Academia de Lisboa, o primeiro artigo republicano que aquelle jornal publicou.

Entrou em 1891 para a redacção da *Vanguarda*, onde por vezes substituiu Alves Correia. Concluiu o curso da Escola Medica Cirurgica de Lisboa em 1894.

Tomou parte activa nos trabalhos de propaganda da Liga contra a tuberculose, sendo relator de varias theses nos congressos dessa Liga que se realisou em Lisboa, Coimbra e Porto.

Presidente da comissão municipal republicana de Lisboa em 1900, dirigiu os primeiros trabalhos de reorganisação partidaria que se realisaram na capital em seguida ao periodo de abstenção eleitoral.

Candidato a deputado por Lisboa nas eleições de 1900 e 1901. No congresso de Coimbra, de janeiro de 1902, foi eleito membro do directorio do partido republicano juntamente com os drs. Theofilo Braga e Eduardo d'Abreu. Em maio de 1903 abandonou o directorio retirando-se de Lisboa por não poder cumprir o programma que apresentara no Congresso de Coimbra. Colaborador de varios jornaes, redigiu por algum tempo no *Mundo* uma secção intitulada *Revista de acontecimentos sociaes*. Em 1908, deputado pela maioria do circulo de Setubal. Apresentou dois projectos de lei sobre «acidentes de trabalho» e atacou sempre o regimen monarchico, tratando principalmente do problema nacional no seu aspecto economico. Actualmente é administrador da Caixa Geral dos Depositos.»

E' o ministro do fomento.

JOSÉ DE FREITAS RIBEIRO (ministro das colonias). «Official da armada. 45 annos de idade. Nasceu em Parede, concelho de Cascaes, a 23 de maio de 1868. Filho de Bento José de Freitas Ribeiro e de D. Maria dos Santos Ribeiro. Assentou praça em 17 de novembro de 1886, sendo promovido a guarda-marinha em 1890, a segundo tenente em 1892, a primeiro tenente em 1896 e a capitão tenente em 1910. Foi nomeado governa-

dor geral de Moçambique, depois de proclamada a Republica, cargo que exerceu desde 9 de novembro de 1910 até 12 de maio de 1911.

Fez parte do comité revolucionario da marinha com o almirante Candido dos Reis, sendo o primeiro a inscrever-se neste comité, que ficou consideravelmente augmentado depois da dictadura franquista, entrando então para elle Carlos Maia e outros officiaes da armada, reunindo-se com estes e com alguns civis, para fins revolucionarios no armazem dum antigo maçon, na rua 24 de Julho, proximo á estação de Santos.»

Do ministro do interior, sr. dr. Silvestre Falcão, apenas sabe a chronica que elle é um republicano da velha guarda — que os ha, apesar da Republica ter aqui nascido apenas ha um anno — e tanto que já em 1891 fazia parte do comité de Coimbra.

E' filho do Algarve e era actualmente governador civil do districto de Coimbra, onde tem demonstrado os seus dotes de intelligencia e de boa orientação administrativa.

O novo governo apresentou-se á Assembleia Nacional Constituinte, que novamente abriu no dia 16 do corrente, e ali foi recebido com toda a benevolencia pelos representantes da nação, aos quaes expoz o seu programma, que se resume numa politica de *tranquillidade, paz e confiança*.

Sob este programma, tratará cuidadosamente da instrução publica, da reforma do exercito, das reivindicações do operariado, da transformação administrativa das colonias, do equilibrio e melhoria das finanças, da consolidação da Republica, emfim, que de tudo isto precisa para bem se firmar e progredir.

E' tudo quanto a opinião publica reclama; é tudo quanto os verdadeiros patriotas desejam; é tudo quanto esta patria precisa.

Descerá a camaroeiro?...

João PRUDENCIO.

Entrega de credenciaes do sr. ministro da Allemanha

Foi recebido, no dia 8 do corrente, pelo sr. Presidente da Republica, no palacio de Belem, com todas as formalidades do protocolo, o sr. ministro da Allemanha, para a entrega das credenciaes que o acreditam ministro plenipotenciario e enviado extraordinario de S. M. o Imperador Guilherme II, junto do governo da Republica Portuguesa.

Depois dos cumprimentos muito aféuticos, o sr. ministro leu o seu discurso de apresentação, concebido nos seguintes termos:

«Sr. Presidente. — Dignando-se sua magestade o imperador da Allemanha, meu gracioso amo, encarregar-me da representação do imperio alemão junto da Republica de Portugal, tenho a honra de entregar a v. ex.^a a carta pela qual o meu augusto senhor me acredita na qualidade de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario.

Cumprido-me com a maior satisfação ser nesta ocasião o interprete dos votos calorosos de que sua magestade se acha possuido pela prosperidade de Portugal e ao mesmo tempo dar-lhe, sr. presidente, a segurança da alta estima que meu augusto soberano nutre por v. ex.^a.

Os varios e importantes interesses que comer-

cial e economicamente unem de uma maneira cada vez mais intensa a minha patria alemã e este belo país, obrigam-me a empregar todos os meus esforços para estreitar e fomentar as cordaes e amigaveis relações que já felizmente existem entre os dois países.

Para o bom exito desta honrosa missão, espero confiadamente no concurso honrado de v. ex.^a e do governo.»

A este discurso respondeu o sr. presidente da Republica:

«Sr. ministro. — Recebo com a mais viva satisfação a carta de sua magestade o imperador da Allemanha, vosso gracioso soberano, que vos acredita junto do governo da Republica na qualidade de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario.

Nesta ocasião sinto-me feliz por poder significar a v. ex.^a a alta estima e respeito que professo pela augusta personalidade do vosso sobe-



O SR. MINISTRO DA ALEMANHA SAINDO DO PALACIO DE BELEM, DEPOIS DA ENTREGA DAS CREDENCIAES

rano, a quem v. ex.^a se dignará agradecer os votos calorosos que me transmite pelas prosperidades do meu país e a honrosa referencia pessoal com que sua magestade houve por bem distinguir-me. Em Portugal não encontrará v. ex.^a, sr. ministro, senão votos unanimes de felicidade e de prosperidade pela vossa poderosa e gloriosa patria.

Referiu-se v. ex.^a ao importante interesse que, comercial e economicamente unem os nossos dois países, e que tão largo desenvolvimento tem vindo a tomar. Folgarei pela minha parte de poder contribuir para a maior intimidade e estreitamento desses laços de riqueza e de paz, que tanto concorrem hoje para a união e afinidades dos povos.

Para o exito desta elevada missão póde v. ex.^a contar com a mais leal e sincera cooperação do governo da Republica, dedicadamente interessado em estreitar as antigas relações de amizade que unem os nossos dois países, ambos empenhados em terras longinquoas e na mais cordeal visinhança, numa grandiosa obra de civilização e de progresso.»

Viagem de circumnavegação do cruzador «S. Gabriel»

(Continuado do numero antecedente)

De Manila a Dilly (Timor) por Zamboanga

Na manhã do dia 1 de outubro salvámos á terra e veio cumprimentar-me em nome do major general o seu ajudante, capitão de cavallaria Robert C. Foy.

Visitei o consul de Portugal Maurice Lowens-tewi e inscrevi-me no governador que estava ausente no sul.

Na manhã do dia 2 fui n'uma lancha a vapor a Cavite cumprimentar o director do Arsenal, ca-

pitão de mar e guerra Mertz e pedir-lhe para me ceder 150 toneladas de carvão americano, para o que eu tinha uma auctorisacão do ministerio da marinha em Washington. Voltei no dia seguinte a Cavite afim de cumprimentar o almirante Hubbard e combinar o embarque do carvão. Veiu agradecer-me a visita o major general William P. Duwall commandante em chefe do exercito das Filipinas que conta de 17 a 18 mil homens, e estive no Observatorio agradecendo ao seu director o padre Algue os telegrammas que me havia enviado e pedindo auctorisacão para ali mandar os guardas marinhas ao que da melhor vontade accedeu. No dia 5 de manhã fóram os guardas marinhas acompanhados pelo tenente Norton visitar o Observatorio: junto uma descriçãõ feita pelo chefe dos guardas marinhas. Foi-me offerecido um *lunch* pelo consul e de tarde veiu a bordo agradecer a minha visita o Governador Geral das Filipinas que havia chegado a Manila no dia 4. No dia 6 pelas 6 horas da manhã largámos da boia e fomos fundear em Cavite perto da esquadra americana ás 7 horas. Vieram duas jangadas com carvão e começou a faina que terminou ás 4,45. O carvão foi-me fornecido pelo preço do custo, \$ 5,898 a tonelada, mais o preço do embarque \$ 0,182, ou seja um total de \$ 6,080.

Durante a faina do carvão veiu a bordo da parte do almirante Hubbard, agradecer a minha visita, o commandante do *New York* e mais tarde o ajudante do general encarregado de me comunicar graves noticias recebidas de Portugal com respeito á revolução. Disse-me que no caso de eu ter receio de qualquer sublevaçãõ da guarnição poderia ficar no meio dos navios da esquadra americana. Respondi-lhe que tinha a maxima confiança nos meus officiaes e marinham e quaesquer que fôsem as opiniões particulares dos membros da guarnição do *S. Gabriel*, como navio disciplinado obedeceriamos a qualquer governo regularmente constituido. Mandeii immediatamente um telegramma pedindo noticias ao qual não recebemos resposta.

A's 5 da tarde suspendemos e seguimos para Manila onde amarrámos á boia uma hora depois. No dia 7 preparou-se o navio para sair, convidei o consul a almoçar e continuavam todos os jornaes a publicar noticias sobre a revolução portugueza. Pelas 6 da manhã do dia 8 largavamos da boia e seguíamos em direcção a Timor conforme nos era ordenado pelas nossas instrucções. Com chuvas calmas e mar plano navegámos para o canal de Mindoro que passámos durante a noite. No dia 9 atravessámos o mar de Sulu e ás 8,30 da manhã de 10 de outubro entravamos no estreito de Basilan, fundeando pelas 9,30 em frente de Zamboanga.

Communicámos com a terra para receber e transmitir telegrammas, veiu cumprimentar-nos o major Frederick Perkins da parte do general e á 1 hora continuámos a nossa derrota. Das 3 ás 6 aproveitando a proximidade do equador magnetico compensou-se a agulha padrão. No dia 11 atravessámos o mar das Celebes com calma e mar plano. As 3 horas da manhã do dia 12 transpuzemos a passagem de Banka entrando no mar das Molucas d'onde saímos para o mar de Banda pelo estreito de Buru ás 11 horas a. m. de 13. Na manhã de 14 avistou-se pela prõa a ilha de Wetta e com muito bom tempo continuámos a navegar em direcção a Dilly fundeando pelas 5 da tarde no porto interior e salvando á terra com 21 tiros.

Observatorio de Manila

O Observatorio de Manila situado na latitude de 14° 35' N e longitude 120° 58' E, é um esplendido observatorio meteorologico, importante pela sua posição e pelos estudos ali feitos sobre os frequentes cyclones do mar da China.

Apesar do pouco criterio a que obedece a disposiçãõ dada aos aparelhos, devido talvez ao engrandecimento gradual e successivo do mesmo observatorio, o que é incontestavel, e que aquelles aparelhos, quer registadores, quer de visãõ directa são aperfeiçoados e de grande exatidãõ e sensibilidade. Assim, percorrendo as varias dependencias vimos:

Um sismographo dando as oscillações terrestres segundo as direcções N S E W e os movimentos horizontaes e verticaes durante o abalo. Junto a elle vê-se uma pendula regulada. O sismographo, que nada tem de especial, é differente dos mais sismographos conhecidos, registra aquelles movimentos sobre uma folha coberta de negro de fumo, ficando n'ella egualmente registradas as horas de minuto em minuto por meio de uma ligacão electrica com a pendula. Um anemometro quaduplo registrador da direcção e veloci-

dade do vento, horas de sol e quantidade de chuva.

Um anemometro-cinemographo, registando a velocidade do vento. Um barometro padrão de mercurio e outro registrador dando sómente a variaçãõ da pressãõ. Finalmente dois anemometros registadores, um da velocidade e outro da direcção do vento. Todos estes aparelhos registadores estão electricamente ligados aos anemometros e pluviometros collocados n'uma parte alta do Observatorio. A collocacão do scismographo é má, pois não está assente sobre uma base inabalavel e fixa.

Vimos mais um grande equatorial cuja lente maior tem 49 centimetros de diametro, sendo façeis os movimentos em azimuth e altura, ficando pela sua disposiçãõ bem equilibrado em todas as posições. A cupula tem movimento electrico e um mostrador permite collocar o aparelho na posiçãõ devida a ter um dado astro a uma dada hora no campo da luneta. Para isso bastará determinar para essa hora a declinaçãõ e a ascensãõ recta do astro e collocal-as no mostrador.

Tem uma cadeira para o observador, que parece ser devido ao sr. Campos Rodrigues, o que elles ignoram.

Ao equatorial pôde-se adaptar um aparelho photographico, mandado fazer para observar a passagem do cometa de Halley. Um movimento dado ao equatorial por um aparelho de relojoaria permite conservar o astro durante horas no campo da luneta. Ao equatorial pôde-se ainda adaptar um espectroscopio, munido do respectivo prisma refractor. O espectroscopio tem um microscopio para a observaçãõ directa dando as dimensões do espectro approximadas a millesimos de millimetro.

Tambem por um aparelho photographico se pôde obter a photographia do espectro, havendo então um aparelho micrometrico para o medir, approximando a decimos millesimos de millimetros. Para observar a passagem meridiana das estrellas ha uma luneta astronomica meridiana.

Um cronographo ligado a uma pendula regulada registra electricamente a passagem de uma dada estrella na luneta, e obtida pelo calculo a hora exacta da passagem meridiana tem-se ainda um meio de regular a pendula.

Ha ainda quatro pendulas reguladas dando duas tempo medio e outras duas tempo sideral. Uma das indicadoras do tempo medio é uma sideral, e regulada modificando-lhe a marcha pela pressãõ do ar existente n'um balão onde trabalha a pendula. Cada 10^{mm} de ar faz mudar a marcha de 0,2. No interior do balão vê-se um thermometro de maxima e minima.

A marcha da pendula (para tempo sideral) é de 0,015 e a da pendula (para tempo medio) é de 0,008. Varios thermometros collocados ao ar livre dão a temperatura á sombra e ao sol dando outros as temperaturas e profundidades variaveis entre um e dois metros, tendo-se achado que a 2^m,5 ella se conserva constante. A pendula de que fallei, em que a marcha é modificada pela pressãõ do ar dentro de um balão, onde trabalha a pendula, tem uma disposiçãõ electrica, que permite que a corda gasta em cada 25 a 30 segundos seja immediatamente renovada, conhecendo-se que está fraca a bateria electrica, quando a corda renovada e correspondente apenas a 22°. D'este modo, desde que haja corrente electrica a pendula trabalha sempre.

Finalmente vimos varios barometros, barographos, um theodolito photographico das nuvens e mais aparelhos de menor importancia.

N'um mappa traçado n'uma louza se registra diariamente ás 6 (a. m.) as trajetorias dos tufões e centros de alta e baixa pressãõ.

Nas ilhas Philippinas ha cerca de 40 estações de observaçãõ e o Observatorio recebe telegrammas diarios de cerca de 70 estações. As informações para a navegaçãõ são dadas todos os dias ao meio dia e publicadas diariamente nos jornaes.

Mensualmente é publicado o boletim do Observatorio.

O Observatorio magnetico ali existente, está hoje a algumas milhas distante.

MARIO DO NASCIMENTO.
guarda-marinha

(Continúa.)

A. PINTO BASTO.
Capitão de fragata



O trabalho livra o homem de tres grandes flagelos: o vicio, a indigencia e o aborrecimento.

BOLSQUE.

A Guerra Italo-Turca

Ha mais de 50 annos, dizia Cantú no 11.º tomo da *Historia Universal* (traduçãõ portugueza de 1858):

«A Persia, a Turquia, o Egypto, e os outros paizes mahometanos, conservam mercados humanos; os Arabes d'essa ourela de Sahara, que se estende de Tripoli a Ceuta continuam a tirar como o fazia Carthago, escravos negros do paiz dos Garamantes. As caravanas egypciacas que frequentam o Darfour compram-os, trocando-os por sal, tabaco, figos, estofos e corallinas. A ruina imminente do imperio ottomano ha-de favorecer tambem para esse lado a emancipaçãõ; e já a Grecia, restituída á liberdade, pronunciou penas muito severas contra o trafico da escravatura: é verdade que ainda se faz debaixo da bandeira turca.»

Antes d'isso Azuni (*Droit maritime de l'Europe* — Paris — 1895) exprimira-se assim:

«Nenhuma legislaçãõ maritima é conhecida no Imperio Ottomano e nas regencias estabelecidas na Barbaria, sujeitas ao Gran-Senhor. Parece vigorar a lei das nações que lá traficam.»

Vou extractar do bello artigo consagrado no tomo 15.º do *Grand Dictionnaire Universel du XIX.º Siècle*, por Larousse, Paris, 1876, alguns dados relativos ao actualissimo fructo cobiçado.

Na Turquia, a capital da antiga regencia é denominada *Tarabolous Gharb*, isto é, Tripoli do Occidente por haver outra cidade de Tripoli na Syria.

Aquella de que tratamos demora a 32° 53' e 58'' de latit. N. e 10°, 51' e 8'' de longit. E., encerra cêrca de 30.000 hab. e dista 1.350 kilom. S. E. de Argel.

A respeito das casas de Tripoli insere o citado artigo este periodo, typicamente curioso, que transcrevo na integra:

«Aucune maison particulière, sauf celles des consuls étrangers, n'a de fenêtre sur la rue, et quoique quelques-unes des habitations aient deux étages, elles sont loin d'être aussi somptueuses que celles de Tunis ou d'Alger, car le plus souvent elles ne sont garnies que de quelques cousins ou tapis.»

As lojas, propriamente ditas, não se recomendam pelo aspecto mas contêem mercadorias de grande valor, taes como perolas, oiro, essencias e drogas apreciadas. E' abastecida de caça, proveniente de montanhas e abundante de peixe. Quasi todos os pescadores são de Malta, ilha do Mediterraneo que pertence aos inglezes. A actual Tripoli, *Aeta* na antiguidade, sob o ponto de vista commercial, desempenha o papel de intermedia-ria entre a Europa e a Africa.

Existe na cidade um dos maiores arcos de triumpho conhecidos, levantado em honra de Marco Aurelio, no anno 164 da era de Christo, mas está enterrado em grande parte, dizem que mais de metade, e a abobada, de bellissima esculptura, encontra-se cheia de areia e de objectos improprios!

Perto de Tripoli admiram-se jardins notaveis.

A area de que Tripoli é a capital, Tripolitana, tem por limites o Mediterraneo ao N., o deserto de Barka ao E., o Sahara e o Fazzan a S. E. e a regencia de Tunis a O., a 27°-33° de latit. N. e 10°-22° de longit. E.

Conta, além de Tripoli, mais tres cidades de certa importancia: Mourzonk, Ghadamés e Benghazi.

O golpho de Sidra, que acaba pelo cabo Mesurata, banha o paiz em larga extensãõ. Possui a Tripolitana uns 1.500 kilom. de costa e uma superficie de 4.200 myriam. quadrados, habitada por populaçãõ que se calcula entre 800.000 e 1.200.000 hab., em geral adeptos do islamismo.

E' bastante montanhosa e escassa de agua, para supprir as faltas da qual ha, no deserto, 8.000 reservatorios ou poços onde se dessedentam as caravanas e os rebanhos.

No outomno sopra um vento, o celebre *siroco*, tão suffocante e incommodo que os habitantes vêem-se obrigados a permanecer em casa e a evital-o.

Entretanto, em regra, todo o paiz é mais ou menos salubre, distinguindo-se, porém, como dotadas de melhor e bello clima a zona de Barka e a peninsula cyrenaica.

Exposição Roque Gameiro

ROSAS E LILAZES — *Aquarela de D. Elena Roque Gameiro*

D. ELENA ROQUE GAMEIRO, no atelier

O rendoso commercio que realisava com o Oriente declinou depois da abolição da escravatura.

Em 1872, o marítimo, era reputado em 15 milhões de francos, de que $\frac{2}{3}$ attribuidos ao porto de Tripoli e $\frac{1}{3}$ ao de Benghazi.

N'esta região, juntamente com a regencia de Tunis, assentava a republica de Carthago, que foi destruida pelas legiões do Tibre e reduzida a provincia romana.

Mais tarde, (anno 670) em seguida á conquista do Egypto pelos successores de Mahomet, tocou-lhe a vez de soffrer o jugo sarraceno que, no seculo VIII, tambem avultou sobre a peninsula ibérica.

Todavia, no decurso do tempo, e apoz muitas luctas e brigas, tomadas, retomadas e bombardeamen-

tos, que findavam mediante a garantia de tratados de paz, nunca respeitados, os tripolitanos constituiram um Estado nominalmente vassallo da Porta.

Não agradava semelhante situação em Constantinopla, e no mez de maio de 1835, tropas turcas lá desembarcaram, apoderaram-se das fortalezas, que guarneceram, e apearam da especie de

chefia autonoma em que se investira, Sidi-Ali, ultimo chefe da regencia de Tripoli.

Ficou desentão á testa do paiz um governador turco, páchá, commandando as forças militares, rendidas de cinco em cinco annos.

Quando, agora, occorreu o inicio da presente guerra, não deveria estar em Tripoli mais de 8.000 homens de tropas regulares da Turquia.

O exercito ottomano em 1881, não excedia a cifra de 150.000 soldados em perfeitas condições de combate e o numero certo de marinheiros não iria muito longe de 10 ou 12

INTERIOR DE CASA SALOIA — *Aquarela de Raquel Roque Gameiro*

Exposição Roque Gameiro

POVEIRO — ESMOLA PARA UMA PROMESSA (costumes antigos) — *Aquarelas Roque Gameiro*

mil, se bem que no papel figurassem 25.000. Os navios da esquadra eram representados por 92 barcos, de que, excluídas as especialidades, 60 não tinham categoria definida.

As correntes commerciaes da Tripolitana convergem por ordem natural para a Turquia, Inglaterra, França, Italia e Allemanha que, por serviços de instrução militar ao turco, ali tem conceito firmado em privilegio de colonia.

Agadir foi rebate de provada instancia de posse do porto marítimo nas praias do Mediterraneo, em terra de Africa, por parte do germano, carecido absolutamente de expansão colonial.

E' de prevêr que a Italia tivesse justas apprehensões ácerca de Tripoli, tão sua vizinha, e pretendesse antecipar-se em acção effectiva, a fim de não chegar demasiado tarde.

N'estes termos, talvez se tornasse fatal a solução de uma guerra, extremo recurso impeditivo de vêr estancadas fontes de derivativos economicos, em relações commerciaes de longa data permanente.

Um italiano diligente e laborioso com quem, ha dias, troquei impressões sobre o assumpto, fez-me comprehender melhor os factos que, em verdade as noticias impressas não esclarecem com authentica nitidez.

Verêmos em que param as hostilidades, e se a

Turquia, vencida, terá de desistir de direitos soberanos em Tripoli.

Não quero fechar este artigo sem revelar aos leitores as condições da Tripolitana pelos annos immediatos á Revolução Franceza de 1789.

A tal respeito escreveu J. Peuchet (*Dictionnaire Universel de la Géographie Commercante* — Paris, anno VIII):

ESTRADA VELHA DE QUELUZ — *Aquarela de Migança (Manuel Roque Gameiro)*

«L'Etat de Tripoli qui porte aussi le nom de royaume, est une régence républicaine sous la protection du grand seigneur.

La république de Tripoli subsiste par son commerce d'étoffes, de séné, de soie, et par celui du safran, qui se tire de la montagne de Garian, située au midi de la ville de Tripoli; c'est-là qu'il croît plus beau et meilleur qu'en aucun autre lieu; mais la principal richesse des habitants vient de leurs pirateries.

On y porte quelque quincaillerie de peu de valeur, des étoffes de laine; mais les affaires commerciales avec l'Europe y sont peu de chose.

Tripoli est plus remarquable par ses ca-

ravanes, qui entretiennent un assez grand commerce avec l'intérieur de l'Afrique.

Les caravanes de Tripoli sont pour l'ordinaire de mille hommes ou environ. Ils ont des chevaux et des chameaux; ils sont bien armés, et en état de ne rien craindre dans les deserts du côté des bêtes sauvages qu'ils rencontrent, et dans les endroits habités de ceux qui voudraient s'opposer à leur passage.

La caravane de Tripoli porte aux nègres de Tombut ou Tombucto, des draps ou serges bleues, vertes, violettes, jaunes et rouges; mais beaucoup plus de cette dernière couleur que des autres; des verroteries qu'on leur apporte de Venise et autres lieux de l'Europe; du corail travaillé de différentes façons; du papier, des bassins de cuivre, et autres choses de cette nature; ils en rapportent des dattes, du séné, des plumes d'autruches, des esclaves, de l'or.

Todos estes títulos, decerto, determinaram a Sublime Porta a transformar o protectorado problematico no acto de força levado a effeito em 1835.

Para se oppôr ao destino fatal de prêsa desejada e orientar-se em plano de emancipação autonoma, carece de elementos vitais de nacionalidade, susceptíveis de adhesão unitaria.

E, com inteira franqueza, não se me afigura de molde a situação politica da Turquia, para crear motivos fortes de sympathia perduravel n'um meio que ella tem explorado, sem lhe promover, simultaneamente, alta de nível moral e material proporcionada ao progresso hodierno.

Encarando o problema, no campo das legítimas aspirações e do direito publico, tambem não descortino vantagens praticas em simples mudança de dominação. Oxalá que o vencedor, quem quer que elle venha a ser, convenha de vez na verdadeira logica social e civilisadora, que impõe aos povos instruidos e bem aparelhados, genuinas missões pedagogicas e economicas em relação aos mais atrasados ou retardatarios, de modo a garantir no seio d'estes porvindoiros, aliados seguros e não perigosos inimigos irreconciliaveis.

Entretanto, entre o jugo de um povo com sultão e serralho e o de outro com as mais completas escolas de arte e as obras mais substanciosas de legislação internacional, é authentica a preferencia, sem hesitar.

D. FRANCISCO DE NORONHA.



Exposição Roque Gameiro

A cronica do numero antecedente, referiu-se a esta exposição como o acontecimento mais palpitante da semana, fóra — bem entendido — dos acontecimentos politicos, que não vem para aqui.

Uma exposição de aguarelas, em pleno outono, por uns dias muito amovaveis, que convidavam a uma romaria até á rua de D. Pedro V, onde é o atelier de Roque Gameiro, a ser visitada e onde se encontra o melhor de umas setenta aguarelas do mestre e de seus discipulos, os seus filhos, uma familia de artistas, todos com o mesmo amôr pela arte.

Por entre as setenta aguarelas expostas vêem-se todos os generos: a paisagem, a figura, reproduzindo tipos e usos do país, reconstruições do passado, flôres, ou naturêsa morta, tudo numa grande exuberancia de vida, de côr, de colorido a par de boa prespétiva e composição; obra completa, de boa escola e de talento, que não é de escola nenhuma.

A aguarela é um genero, assaz difficil, que não se cultiva com distincção sem um grande tirocinio e, ainda mais do que isso, sem uma decidida vocação natural, um geito proprio, que não se aprende, pela difficuldade que oferece o manejo dos pinceis e das tintas, que tem que se aplicar com prontidão e sem arrependimentos, porque uma vez applicadas, não têm emenda.

Daqui resulta o grande apreço em que justamente é tida a aguarela, o que lhe dá o seu alto valôr estimativo a par do valôr monetario.

Ha aguarelas que se têm vendido por preços, que á primeira vista poderão parecer fabulosos, mas que para os entendidos amadores, têm uma estima impagavel, como todas as obras originaes difficeis de obter.

A este proposito lembra-me um caso acontecido com Nogueira da Silva, ha bem uns cin-

coenta annos, ainda antes de elle desenhar e gravar para os semanarios ilustrados de então, como foram a *Revista Popular*, o *Arquivo Pictoresco*, etc.

Nogueira da Silva tinha um visinho, homem bom, simples e que era embarcadiço. Vendo um dia que Nogueira desenhava retratos, a lapis, apeteceu-lhe tambem possuir um retrato assim e manifestou o seu desejo:

— Bem podia o visinho fazer o meu retrato.

— Porque não? Quando o visinho quizer estou ás suas ordens.

— Mas quanto me custa isso?

— O mesmo que levo pelos outros: quatro pintos.

O embarcadiço entupiu com a resposta e, depois de matutar um bocado, sahiu-se muito esperto a dizer:

— O visinho, isso é muito caro. Ahi pela rua andam á venda retratos de reis e de santos, muito bonitos, com côres, a pataco e a vintem. Como quer o visinho que eu lhe dê quatro pintos por um retrato que não tem côres!

E' claro que o criterio das pessoas que visitam a exposição, não se compara á ignorancia do pobre embarcadiço, e tanto basta vêr a concorrencia que ali tem ido, apreciar as lindas aguarelas de Gameiro, e melhor que apreciá-las platonicamente, comprá-las, como mais positivo incitamento aos artistas que taes obras produzem, dignas de figurar em toda a parte onde a arte tenha culto e seja amada.

Roque Gameiro é um artista bem português, sincero e verdadeiro nas suas obras, amando primeiro que tudo este céu e esta paisagem peninsular, como todas as coisas da terra portuguesa, que elle não desdenha e mais lhe quer, a despeito das suas viagens e estadas no estrangeiro, onde, principalmente, foi estudar os processos modernos da cromo-litografia, em que tambem é exímio.

Desse seu amôr á terra portuguesa, resulta a sua obra toda portuguesa e então é vêr como elle trata a paisagem muito nossa, os costumes portugueses do presente e do passado que se compraz reconstituir, como documentos historicos que vae arquivando na sua vasta galeria. E' ainda, sob este ponto de vista, um alto serviço que presta á historia patria, de fórma superior, como um grande cunho de verdade.

E assim, elle tem feito a sua escola, copiosa em opimos frutos, como se vê na sua exposição, que está chamando as atenções do publico, que, felizmente, se vae interessando pelas coisas de arte, perdendo aquella indiferença que tanta vez desanimou a vontade mais intensa de muitos de nossos artistas.

Ainda bem que Roque Gameiro á força de talento e de trabalho faz quebrar aquella indiferença, e com o entusiasmo da sua grande alma de artista vae creando em seus filhos novos artistas que lhe dão honra.

E' vêr os trabalhos de sua filha Raquel, que competem com os do mestre. De sua filha Elena, que se dedica mais ás especialidades de natureza morta, preferindo as flôres, esse genero difficilimo de que consegue triunfar, tal é o colorido, a naturalidade, a frescura das suas aguarelas.

O pequeno Manuel, que é já uma promessa lisonjeira nas suas aguarelas de paisagem que vae colhendo pelos campos, nos passeios matutinos com seu pae pelas luminosas manhãs de sol nado, quando a luz mais aviva o colorido da natureza.

Nesta encantadora exposição as horas passam despercebidas no enlevo de contemplar as belezas que ali se encerram.

Foi o que nos aconteceu.

Parabens ao glorioso artista.

C. A.



Bibliotecas Insígnies

atravez os seculos

A José Antonio Moniz

Muitos estudiosos teem consagrado sua vida á edificação de bibliotecas importantes. A historia desenvolvida das livrarias é assunto para muitos volumes interessantes. Ninguém a tentou escrever, no entanto, encontram-se dispersos subsídios curiosos esperando paciencia privilegiada que construa a sublime monografia das fontes do saber úmano.

Registada na historia dos povos, encontramos

no ano 3000 antes de Cristo, noticia de Ramses fundar uma biblioteca, e mil anos depois outra se fundou em Memphis, no Egipto, pelo rei Osimandias. «Compunha-se de algumas colleções de manuscritos em caratêres samaritanos, antigo êbraico, que tinham substituído os sinaes ieroglíficos e de pedras gravadas, cheias de emblemas, cujo conhecimento era um segredo para o vulgo. Era na porta dessa casa que se lia o conceituoso letrado: *Remedio da alma*.»

Ptolomêo Philadelpho, filho de Ptolomêo Lago, rei do Egipto, reuniu cincoenta e quatro mil e oitocentos volumes, segundo o computo de Genobardo, em Alexandria. A' organização desta livraria presidiu Demetrio de Phalero, «varão insígne em letras e proezas, fugitivo de Anthes», o qual teve por successores os bibliotecarios Zenodoto, Eratosthenes e Aristophanes.

«Foi nessa biblioteca que Ptolomêo Philadelpho depositou a tradução grega dos livros dos êbreatos conhecida pelo nome de versão dos setenta.»

Na Cesarêa organisou o istoriador Julio Africano uma biblioteca que o Bispo Eusebio, e o presbitero de Laudicêa aumentaram a trinta mil volumes.

N'ela «consultava S. Jeronimo nas cousas difficilosas e pelos seus originaes autenticos emendava as copias corrútas dos livros do testamento velho como ele mesmo insinúa», e até encontrou o evangelho de S. Mateus, escrito em êbraico.

Em Roma fundou o rei de Macedonia uma biblioteca que Paulo Emilio, soube conservar.

Na Nova Roma e templo de Santa Sofia, ajuntou o grande Constantino, cento e vinte mil volumes, com os quaes, no dizer de Niceforo, enriqueceu muito a sua historia.

«Julio Cesar concebeu o projéto de estabelecer uma grande biblioteca grega e latina. A' de Asinio Pollion, a primeira propriamente latina, succedeu a de Augusto, no monte Palatino.»

O papa Nicolau V, amontoando livros, como bibliomaniaco que era, creou a livraria Vaticana que é celebre e a mais antiga na Europa. Rica pela copia de antiguidades manuscritas. «Foi com elementos colhidos nesta livraria e na congregação do oratorio de Roma que o padre João Rolando, da Companhia de Jesus, contituiu a *Acta Sanctorum* ou *Anno Sagrado*».

A Biblioteca de S. Marcos, em Veneza, foi fundada por Petrarcha, e mui ampliada, por Pedro Bembo, que antes tinha organizado em Padua uma riquissima livraria.

Francisco I, fundou em Fontainebleu a Biblioteca Nacional de Paris, assim como Henrique VIII organisou o British Museum, em Inglaterra.

São tambem famosas as bibliotecas no Escorial, creadas por Philippe II; a da Buda, organizada por Matias Corvino, rei da Hungria; a Florentina, em Helruria; a de Baviera, em Beyerem; a Seguriana; a de S. Germão e St.ª Genoveva, em Paris e a Ambrosiana, em Milão.

Este sumario revela a origem das mais importantes bibliotecas mundiaes. A monografia de muitas ocupam grossos volumes, paginas interminaveis.

Para terreiro mais amplo e a autores eruditos deixo estes fragmentos.

15 Outubro 911.

ALVARO NÉVES.



Na maior parte das vezes, os amantes nada tem a dizer-se, mas estão sempre a falar.



NECROLOGIA

Silva Pinto

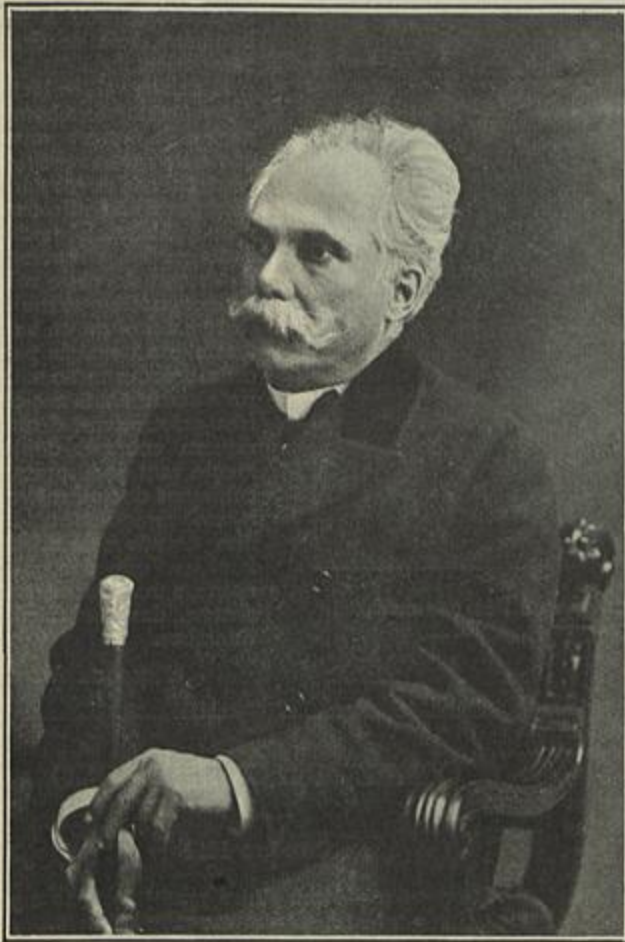
Era um dos espiritos mais insumissos e independentes que temos conhecido, e para o avaliar bem, basta lêr os seus escritos, que são numerosos, pois que dos escritores contemporaneos poucos deixarão tão grande espolio literario, que outro elle não deixa, tão pobre morreu.

O moral casava-se bem com o fisico, pois sua cabeça sempre levantada, de ampla tésta e farta cabeleira leonina, deixava logo perceber que estava ali um homem superior, talvez arrebatado, o que ainda se podia observar no seu olhar vivo, inquieto, denunciante de um cerebro onde as ideias se sucediam e agitavam como globolos de vapor numa retorta de concentração.

Assim atravessou a vida, que em verdade não

lhe foi facil, o que mais lhe exacerbou, acaso, o seu espirito critico, mordaz, sempre em conflito com os homens e com as coisas, lutando por um ideal de perfeições humanas, bem longe de realisar-se.

Manuel José da Silva Pinto, nasceu em Lisboa



SILVA PINTO

a 14 de abril de 1848. Que agitado tempo aquelle em que o vento das revoluções soprava pela Europa.

Seu pae, comerciante e industrial, para o commercio encaminhou o filho, e assim, aos 17 annos, Silva Pinto entrava para a alfandega, como caixeiro despachante da casa Anjos & C. Neste emprego permaneceu sete annos, mas não poude mais. Entrava na idade viril, em que os grandes ideias atraem os espiritos novos, e por aquelles tempos as ideias democraticas faziam já seu caminho em Portugal, tanto mais que acabava de se proclamar a Republica em França, e a Espanha imitava a sua visinha.

Silva Pinto, deixou os despachos da alfandega, tomou uma malita de mão e foi-se até ao visinho reino alistar-se nas fileiras republicanicas.

Quando de lá voltou, veio para o Porto e dedicou-se ao jornalismo. Entretanto falecia seu pae, e Silva Pinto, senhor de uma fortuna rasoavel, entregou-se á industria estabelecendo uma fabrica, que não foi de dinheiro, porque a breve trecho perdeu tudo de envolta com outros negocios, em que não foi mais feliz, e com as estravagancias proprias dos verdes annos.

Então tentou como ultimo recurso — o Brasil, o eldorado de muitos moços que ali pensam encontrar fortuna com a mesma facilidade com que se apanha uma valente topada.

Qual historia. Silva Pinto, não sabemos se apanharia a topada, mas fortuna é que elle não topou, e num rapido desengano, meteu-se no primeiro vapor e veio até ao Tejo, prevenindo do regresso o seu amigo sr. Narciso de Lacerda, que o foi esperar.

Cabe dizer que o sr. Narciso de Lacerda foi o grande amigo de Silva Pinto, que o recebeu em sua casa, como a um irmão, e em sua casa o teve até á morte, sempre com o mesmo carinho e dedicacão, por assim dizer, fraternal.

Isto succedeu por 1877 e é de então em diante, que se pôde dizer começa a vida literaria de Silva Pinto, constituindo-se um dos publicistas portuguezes mais operoso e de maior valia, pelo seu espirito critico e filosofico, ao mesmo tempo se léto e de um purismo classico pouco vulgar, nos escritores contemporaneos.

Da sua obra, que é vasta, enumeremos as principaes:

Questões do dia, 1870; *Ciencia e Consciencia*, 1870; *Farçadas contemporaneas*, 1870; *Novas Farçadas contemporaneas*, 1871; *A questão da Imprensa*, 1871; *Teofilo Braga e os Criticos*, 1871; *A hora da luta*, 1872; *Horas de febre*, 1873; *O Espectro de Juvenal*, 1873; *Eugenia Grandet* (trad.), 1873; *O Padre maldito*, 1873; *Balzac em Portugal*, 1873, 4.ª edição; *Noites de vigilia* (edição mensal), 1874; *Noites de vigilia* (edição quinzenal), 1875; *Emilia das Neves e o Teatro Português*, 1875, 2.ª edição; *Cantos fantasticos*, 1875; *Os homens de Roma* (drama), 1875; *A questão do Oriente*, 1876; *Revista Literaria*, 1876; *Os Jesuitas (ao bispo Americo)*, 1877, 6.ª edição; *Do Realismo na Arte*, 1877, 6.ª edição; *Nós e a Alfandega do Porto*, 1877, 4.ª edição; *O Padre Gabriel* (drama), 1877, 2.ª edição; *Controversias e Estudos Literarios*, 1878; *No Brasil*, 1879, 2.ª edição; *O Emprestito de D. Miguel*, 1880, 5.ª edição; *Realismos*, 1880, 4.ª edição; *Combates e Criticas*, 1882, 2.ª edição; *Novos Combates e Criticas*, 1884, 2.ª edição; *Terceiro livro de Combates e Criticas*, 1886, 2.ª edição; *O Caso de Marinho da Cruz*, 1889; *Camilo Castelo Branco*, 1889; *A Mulher do capitão Branican* (trad.), 2 vol., 1892; *Filosofia de João Braz*, 1895; *Santos Portuguezes* 1895; *Teorias de João Braz*; *Neste Vale de Lagrimas*, 1896; *A queimar cartuchos*, 1896; *De palanque*, 1896; *Oriso amarelo*, 1897; *Noites de vigilia*, 4 vol., 1897; *Criterio de João Braz*, 1898; *Memorias de um suicida* (trad.), 1898; *A torto e a direito*, 1900; *Pela vida fóra*, 1900; *Alta noite*, 1900; *O mundo furta côres*, 1900; *Moral do João Braz*, 1901; *No mar morto*, 1902; *S. Frei Gil*, 1902; *Por este mundo*, 1903; *Alma humana*, 1904; *No Coliseu*, 1904; *A velha historia*, 1906; *Ao correr do pêlo*, 1906; *Na travessia*, 1907; *Em ferias*, 1908; *Entre nós*, 1908; *Frente a frente*, 1909; *Para o fim*, 1909; *Na Porcela*, 1910; *Ha 40 annos*, 1910.

Silva Pinto desempenhava ha annos o lugar de diretor da Casa de Correção, mas nos ultimos tempos aniquilára-o a doenca de que veio a falecer, em 4 do corrente, depois de dolorosos sofrimentos fisicos e moraes, pois para cumulo de infelicidade, até lhe faltaram recursos monetarios, pelo que alguns jornaes fizeram uma subscrição poucos dias antes de elle falecer.



PELOS TEATROS

Nacional

Com grande satisfacão vimos abertas as portas deste teatro e regosijámo-nos por vêr que o público volta a frequentar a sala do nosso primeiro teatro de declamação.

Que isto represente uma nova éra de resurgimento e que a atual gerência veja coroados de exito os seus esforços e a orientacão que seguiu!

Se não se tivesse repetido tantas vezes as palavras de lástima e de censura que só servem para levar o desanimo e a descrença a todos os que se poderiam interessar pelo levantamento da arte nacional e, antes, em palavras de incitamento se incutisse nos animos o fervôr por um culto divino — essa propaganda activa e benéfica teria produzido excellentes resultados.

O espirito da nossa gente é muito impressionavel e se lhe descrevermos uma situação um pouco difficil depressa a avoluma, a exagera e a torna irremediavel.

E' preciso provar que a nossa literatura não morreu com o passado; que vive ainda e que floresce com o esplendor dos tempos idos.

Assuntos não faltam. Procurem-se na alma popular os tesoiros de candura e de encanto que representam as tradições dos portuguezes, os episódios caracteristicos da nossa vida nacional.

Não faltarão, julgo, homens de valor que empreguem horas de trabalho laborioso e honesto a produzir obras-primas que os menos esclarecidos não-de admirar e que servirão para despertar nêles o sentimento que quasi têm perdido.

E o teatro que tem uma missão educativa e moralisadora será o transmissor das ideias nobres e dando vida aos personagens creados conquistará para si a gloria ao mesmo tempo que o público ingrato.

Temos bons actores, conscienciosos e dedicados, que trabalham com vontade, que empregam os seus esforços para obter os aplausos do público.

Demonstram-o bem os actores do «Nacional» que nos *Vinte mil dollares* nos apresentam um trabalho correcto e perfeito.

Espero que não se ache correlacão entre as minhas primeiras palavras e a primeira peça que este ano subiu à scena no «Nacional». Elas representam apênas o meu voto sincero, o desejo pertinaz que gostaria de vêr satisfeito.

A peça de Armstrong, traduzida por Felix Bermudes, possui na sua simplicidade um alto conceito moral.

Exalta a honra e a virtude colocando-as onde, em geral, só se vê o vicio e o crime e toda a sua acção decorre subordinada a esta ideia.

Mostra o caminho do bem e as injustiças da sociedade e não tem o mais pequeno pensamento duvidoso ou equívoco.

E', em resumo, uma peça moralisadora que desperta um interesse crescente, impondo-se ao público pelas suas scenas bem delineadas que denotam a intensidade da vida americana e o sentimento que, apesar da móla positivista do progresso, nela se encontra.

Ginásio

Artur Cohen e Guilherme Barbosa dão-nos a sua segunda peça nesta temporada.

Aproveitando questões da actualidade e tratando-as com bastante espirito, acentuando-lhe bem os ridiculos proporcionam-nos umas horas de gargalhada, mantendo as tradições deste teatro.

O Talassa é uma engraçada farça em que se caracteriza bem cada um dos personagens embora o decorrer do seu entreccho não prenda muito a atencão do espectador que é empolgada quasi por completo pelo cómico das situações.

Em todos os personagens encontramos um desempenho correcto e citamos Albertina d'Oliveira e José Soares, dois novos, que nos seus pequenos papeis mostraram ter vontade.

Avenida

Fartos aplausos tem merecido da critica e do público de muitos paizes a operéta de Franz Lehar *Damas viennenses*.

O autor da «Viuva Alegre» o inspirado compositor de valsas primorosas deu-nos mais uma das suas belas produções.

De uma musica expressiva e vivaz, alegre e abundante, ocupa entre as operétas viennenses um lugar de destaque.

O seu entreccho cheio de situações cómicas nas quais José Ricardo mostra um dos seus belos trabalhos pela naturalidade com que representa o papel de Brandl, produz uma agradável impressão.

Clara no dia do seu casamento encontra-se com Brandl que ella tinha amado em tempo e a quem tinha jurado eterna fidelidade.

Julgando que Brandl tinha morrido na travessia do Atlantico consentiu em casar com Filipe Rosner.

Este sabendo quem era o seu rival procura prejudica-lo no espirito de Clara. Para isso ameaça-o e obriga-o a pedir a mão de uma filha do professor Nechledil que nesse dia dava uma festa ao ar livre. Por seu turno, a mãe de Clara vendo os inconvenientes da situação resolve tambem casa-lo com uma das filhas do professor que tambem pensa em faze-lo desposar uma outra das suas filhas. Sob a ameaça dos três, Brandl vê-se em palpos de aranha.

No dia seguinte encontram-se todos em casa do juiz de paz onde Brandl tem uma explicação com Clara que serve para convencer o marido de que ella já não amava Brandl.

Surgem as três filhas de Nechledil reclamando o casamento que elle tinha sido prometido. Mas Brandl não se podia casar porque já se tinha casado em Nova York com uma preta que aparece nessa ocasião annunciando-lhe que tinha herdado vinte milhêes de dollares.

A canção dansada das três filhas de Nechledil é interessantissima bem como o dueto do 2.º acto. O desempenho é muito correcto destacando-se Isabel Fragoso na protagonista.

Os restantes conservam-se á altura dos seus créditos.

A. N.

A festa da Associação de Inhabilidade na Sociedade de Geographia

A festa que esta Associação tão brilhantemente realizou no dia 5, na esplendida sala Portugal da Sociedade de Geographia, desmente as apreciações que muitas vezes fazem pessoas malévolas, de que o nosso povo, é um povo imprevidente.

A nossa gente, é certo, é um pouco dissipadora com cousas inúteis, alimenta-a uma febre de gozo que as classes trabalhadoras não podem sustentar; mas também é certo, que a suspeita, de que entre nós não se trabalha, não se economiza, não se pensa no futuro, é infundada e da mais enganosa apparencia.

E' que, felizmente, reconhecemos que ninguém n'este mundo pôde viver isolado. Todos precisam de um coração amigo que compartilhe da sua alegria, ou de um braço protector que nos ampare na adversidade.

Foi baseado n'este grande principio, que Julio Cesar dos Santos fundou a Associação de Socorros Mutuos na Inhabilidade.

E que valor não tem, n'estes 40 annos de esforço heroico, a iniciativa individual, onde os egoismos se quebram e se desfazem, como a espuma das ondas, contra os rochedos mudos e escabrosos do indifferentismo?

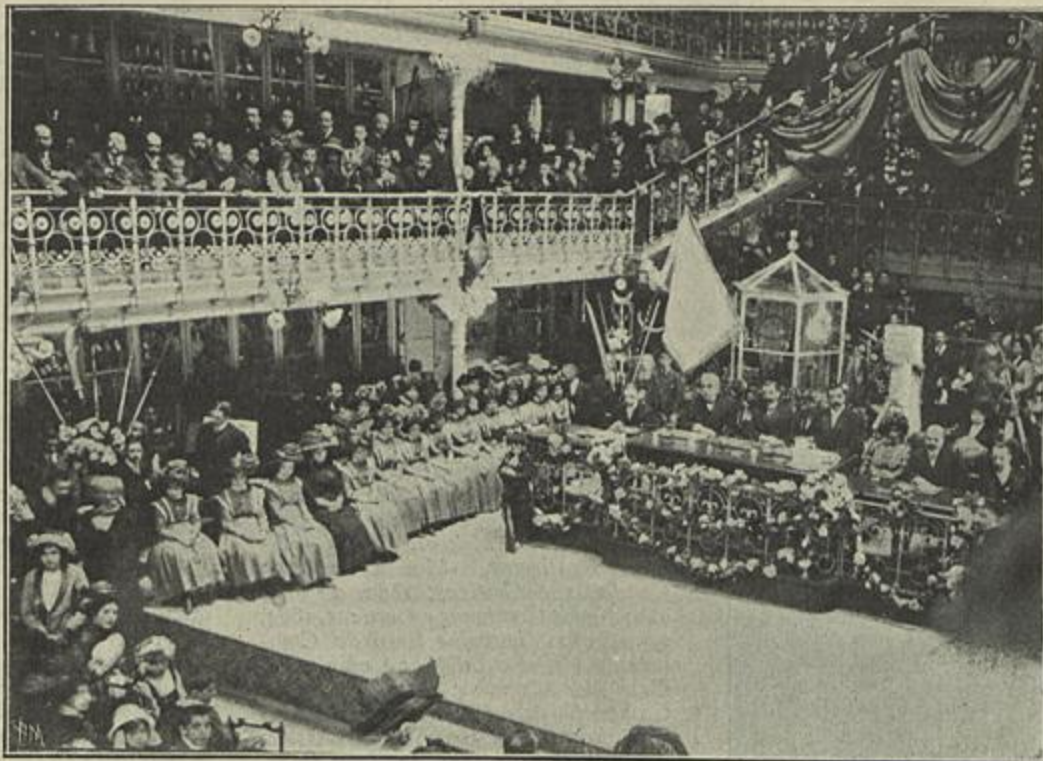
Quarenta annos de bom tacto administrativo, economia, zelo e methodo.

Quarenta annos de luta, de labor honesto, de vontade, de energia e amor.

Quarenta annos passados a distribuir aos invalidos, as migalhas accumuladas pelos... imprevidentes.

E este enorme trabalho arrancado ao ocio e ao repouso dos homens bons, é um facto tão culminante na sociedade portugueza, que justo é mostrá-lo como exemplo aos novos e ensinamento ás gerações vindouras.

E para bem se avaliar quanto vale o auxilio mutuo, basta dizer-se que esta Associação distri-



SESSÃO SOLEMNE COMEMORATIVA DO 40.º ANIVERSARIO DA ASSOCIAÇÃO DE INHABILIDADE, PRESIDIDA PELO SR. GOVERNADOR CIVIL DE LISBOA

buiu em pensões aos seus socios invalidos pelo trabalho ou pela velhice, a importante somma de mais de 140:000\$000 réis.

Este é o trabalho bello, grande, sublime que reúne os homens n'uma só idéa e que conquista adeptos para este sublime, grande e bello reducto, que se chama — Associação.

E assim se mostra aos que duvidam das nossas crenças, que não só se conquista a terra, destruindo cidades, devastando exercitos, afundando esquadras, como Napoleão, Cesar ou Alexandre. Conquista-se tambem a independencia dos homens, libertando consciencias e emancipando a sociedade do aviltante fim do pobre — pedir esmola.

Esta conquista do mutualismo é a liberdade de um povo, é a verdadeira e moderna civilização de uma sociedade, que só vive do trabalho e para o trabalho vive.

D'esta liberdade nasceram os principios da pacificação humana e vieram os apóstolos da paz e da fraternidade que confundem e identificam os homens n'uma só familia — o Socorro Mutuo.

E' por isso, que n'estas singelas linhas o OCCIDENTE presta hoje a sua sincera homenagem aos fundadores da Associação de Inhabilidade, esse grandioso monumento, gloria do nosso paiz, que hoje acolhe sob a sua bandeira mais de 6:000 associados.

E se aos velhos luctadores prestamos a homenagem da nossa admiração e do nosso reconhecimento, aos novos pedimos para não affrouxarem na lucta. E' necessario continuar reunindo todos os esforços e valimentos, porque se muito se tem feito, muito ha a fazer; e a pequena parcella arrancada ao salario e accumulada nos cofres associativos, é uma riqueza enorme, duplamente vantajosa, porque cuidamos dos outros, ao mesmo tempo que cuidamos de nós e de nossas familias, que é a mais nobre, a mais pura e mais santa, das associações humanas.

HENRIQUE ALVES.

O MEZ METEOROLOGICO

Outubro 1911

Barometro — Max. altura 772^{mm}.6 em 29 e 30.

» Min. altura 752^{mm}.4 em 8.

Termometro — Max. altura 26°.2 em 1.

» Min. altura 10°.3 em 30.

Chuva — 155^{mm}.8 em 17 dias, sendo os dias mais chuvosos em 9 (22^{mm}.1), 15 (23^{mm}.3), 17 (25^{mm}.0), 21 (12^{mm}.5), e 22 (26^{mm}.7).

Nebulosidade — Ceu limpo ou pouco nublado 6 dias.

» » nublado 20 dias.

» » encoberto 5 dias.

Vento dominante — NW.

Nevoeiro — Em 17 e 20.

Relampagos — Em 9 e 11.

Trovoões — Em 10 e 11.

Trovoada — Em 15.

Atelier Photo-Chimi-Graphico

F. MARINHO & C.^ª

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Onde todos devem comprar

SAPATARIA PORTUGAL

DE

A. Almeida e Costa

Rua dos Poiaes de S. Bento, 27 a 27-A — LISBOA

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C.^ª, Lisboa. Unico legalmente auctorizado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua efficacia na *debilidade*, na *pobreza do sangue* (anemia), na *convalescença de todas as doenças* e *sempre que é preciso levantar as forças*. E' muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que teem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

Capas para a encadernação dos volumes do «OCCIDENTE»

Em percalina com letras a ouro, encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos, eguaes na cor para colleções.

Capa 800 réis
Capa e encadernação 1\$200